

CINEMA PARADISO

Boletim n. 293

São Paulo, 14 de julho de 2011.



Próxima Reunião: 24/07/2011 - Domingo às 16:00 h

A MISSÃO DO GERENTE DE RECURSOS HUMANOS

(*Le Voyage Du Directeur des Ressources*)

Diretor: Eran Riklis *

(*) Nasceu em Israel em 2 de outubro de 1954. Estudou cinema na Inglaterra. Seu primeiro longa foi *On a Clear Day You Can See Damascus* (1984). Dirigiu também *Cup Final* (1991), *Zohar* (1993), *Vulcano Junction* (1999). Em 2004, Riklis chamou a atenção da crítica internacional com seu filme *A Noiva Síria* e, em 2008, com *Lemon Tree*, este discutido e muito apreciado pelo *Grupo Cinema Paradiso*.

PARIS ENCANTA

Woody Allen, como sempre, nos presentearia com sua visão de mundo tão perspicaz, sensível e inteligente. Adorei *Meia Noite em Paris*! Sai do cinema em estado de graça, por tudo o que me foi dado ver e sentir e sob o efeito da música de Cole Porter. O filme é uma declaração de amor a Paris, cidade que me comove e me encanta. No filme, Paris é visitada por americanos: um casal endinheirado, sua filha e seu noivo – este, um bem sucedido roteirista de cinema hollywoodiano. O fato de estar em Paris suscita no rapaz uma certa nostalgia dos anos 1920, época efervescente em que viveram e conviveram Hemingway, Fitzgerald, Picasso, Buñuel, Dali e tantas outras figuras do mundo cultural da época. Escritores, pintores, cineastas, hoje legitimados como geniais, procuravam a vida boêmia de Paris que lhes permitia ousar, transgredir, desafiar.

Gil Pender, o personagem do filme, é um escritor frustrado que abriu mão do seu sonho para ser um homem bem sucedido economicamente, como manda o figurino ocidental contemporâneo; é um “vencedor”, ganha bastante dinheiro, é reconhecido e requisitado profissionalmente e tem uma noiva rica, bonita e fútil. Parece tudo certo. Mas eles foram a Paris e a magia da cidade fez acordar nele o sonho antigo de escrever um romance.

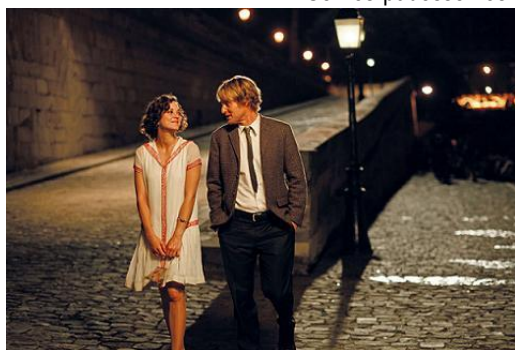
Andar a pé à noite em Paris (de preferência com chuva) e, para Gil, caminhar pelas ruas percorridas antes por tantas figuras ilustres que já se foram, é quase estar com elas. E Gil passa, como num conto de fadas, a conviver com aqueles fantasmas que tanto admira e a fazer parte de seus noitadas boêmias. Submete os originais de seu livro à apreciação respeitável de Gertrude Stein, e se envolve afetivamente com uma musa de Picasso e de outros pintores e escritores. Como ele, Adriana é fascinada pelo passado. Para Gil, estar nos anos 20 é estar no passado, mas para ela esse é o seu presente, que ela acha sem graça, sem glamour, e idealiza o fim do século XIX como a época que gostaria de ter vivido. Gil chega a ir com ela a essa época, conhecendo pessoalmente Toulouse-Lautrec e outros, mas volta ao seu tempo, enquanto ela decide viver a sua escolha.

Acho importante o que o filme mostra sobre o fascínio que o passado exerce sobre o ser humano. Viver o presente é estar à mercê do imprevisível, do imponderável, por mais que tentemos planejar nosso roteiro de vida. Algumas poucas situações até acontecem como previstas, mas muitas delas têm outros desfechos, dependendo das

circunstâncias, das variáveis, do acaso. Um imprevisto que impeça o fim de uma viagem, por exemplo, pode alterar completamente a vida do viajante, se ele conhece alguém no percurso, ou se ele adocece gravemente, ou se estoura uma revolução, ou se... ou se...

Conviver com as incertezas do amanhã é uma das grandes angústias humanas. Não é à toa que tanta gente procura cartomantes (mesmo dizendo não acreditar nelas), leituras de tarô, mapa astral, etc. Essa vontade de conhecer o futuro é, no fundo, uma vontade de controlar a própria vida. “O futuro a Deus pertence” é uma frase muito usada como um jeito de aplacar nossa insegurança diante da ameaça do pior, já que não controlamos o futuro, delegamos esse poder a quem imaginamos fará o melhor por nós.

Se nós pudéssemos voltar a qualquer época passada escolhida,



estariamos em vantagem junto aos viventes de então, pois a História já nos teria contado o que acontecera, o rumo que as coisas tomaram, as influências políticas, literárias, etc. que caracterizaram aquele período, as ilusões que se dissiparam, tudo seria conhecido por nós. Seríamos os únicos a ter o poder de saber o rumo dos acontecimentos, sem expectativas inúteis, sem decepção, enquanto os outros viveriam no imponderável. Por

isso, o que para Gil era fascinante em 1920 – por saber tudo de importante que aconteceu naquela época – para a musa, a década de 20 era seu presente, sobre o qual ela não tinha controle. Mas nossa ansiedade de controle e poder nos faz esquecer que um dos encantos da vida é a sua imprevisibilidade. Seria monótono e sem graça viver só o conhecido, sem surpresas, dores, alegrias, frustrações que, afinal, é o que faz com que nos sintamos vivos.

Outro ponto importante do filme pra mim é mostrar o desprezo que damos aos nossos sonhos, mesmo aos pequenos. Vivemos numa época em que a expectativa de realização está no sucesso, na fama, em ser bem remunerado. É claro que isso é importante desde que em seu nome não enterremos os nossos anseios tão ou mais fundamentais para o nosso bem estar, para o prazer de viver. No caso do filme, não importa se o romance terá qualidade literária, mas sim o prazer do percurso, da busca, da tentativa. Beckett já dizia: “Você está na terra, não há cura pra isso”. Pois é, já que estamos aqui, alimentemos nossos sonhos.

Rianete Lopes Botelho

BRAVURA INDÔMITA



Henry Hathaway foi um dos melhores diretores de westerns, numa carreira que cobriu quatro décadas. Entre seus melhores trabalhos estão **Os Filhos de Katie Elder** e **Fúria no Alasca**, mas Hathaway é sempre lembrado por **Bravura Indômita**, especialmente pela interpretação de John Wayne

como Rooster Cogburn, que lhe valeu o Oscar. Aquele Oscar de John Wayne foi uma espécie de prêmio pelo 'conjunto da obra', entregue com 13 anos de atraso. Se houve um filme em que Duke mereceria ter sido premiado foi sem dúvida pela criação de **Ethan Edwards** em **Rastros de Ódio (The Searchers)**. E **Bravura Indômita**, de 1969, jamais foi esquecido, não só por John Wayne de tapa-olho, mas e principalmente pela magnífica sequência em que o Marshal Cogburn, a galope segurando as rédeas com os dentes e Colt e carabina nas mãos, investe contra Ned Pepper (Robert Duvall) e outros três bandidos. Cena antológica que entrou para a galeria das grandes sequências dos faroestes. Mas essa primeira versão de **Bravura Indômita**, apesar das inegáveis qualidades, não pode ser listado entre os grandes faroestes do cinema.

ROOSTER COGBURN MAIS DESPREZÍVEL QUE NUNCA - E novamente foi revisitada a história de Charles Portis (autor do livro "True Grit") e chegou **Bravura Indômita** dos irmãos Joel e Ethan Coen, com o desafio maior que era reviver Rooster Cogburn à eterna sombra de John Wayne. Jeff Bridges recria brilhantemente a personagem que nos envolve e faz até esquecer do Rooster Cogburn/John Wayne. Sua primeira e repulsivamente engraçada aparição é... dentro de um daqueles fétidos banheiros de um metro quadrado no fundo de um quintal, anunciando o Marshal relaxado, mal humorado, malcriado, mentiroso e mercenário, ou seja, tudo que um homem da Lei não deveria ser. Esse tipo quase asqueroso se dobra à determinação e destemor de uma menina de 14 anos (Mattie Ross) e saem ambos à caça do assassino do pai da garota (Josh Brolin). Junta-se a eles o Texas Ranger La Boeuf (Matt Damon) e o que se vê

daí para diante é um western com bem dosado humor, muita emoção e ação de primeiríssima qualidade. A sequência do tribunal, que inicia o filme parece ter saído de um clássico de John Ford. Certo que muitas das cenas são praticamente repetições da versão de 1969, mas acabam diferenciando-se daquelas pelo ritmo perfeito, diálogos repletos de fina ironia e uma belíssima fotografia que emoldura mas jamais rouba a atenção dos diálogos e da ação.

MERECIDO SUCESSO - John Wayne era sempre John Wayne e Jeff Bridges em nova e estupenda caracterização divide a cena durante o filme todo com a agradável surpresa que é a jovem atriz Hailee Steinfeld (Mattie Ross). Ano passado foi lançado "Jonah Hex", com Josh Brolin protagonizando o herói dos quadrinhos que tanto lembra Josey Wales. Esse decepcionante western, repleto de efeitos especiais, explosões e todos os excessos que o moderno cinema utiliza à exaustão, sequer mereceria ser lembrado. Mas é aqui citado como paralelo ao uso que os irmãos Coen refinada e minimamente fazem dos recursos técnicos que poderiam ter à disposição. A dupla de diretores desenvolve "Bravura Indômita" fundamentando o filme sobre o que há de mais humano em suas personagens. Este é um western que já nasceu clássico, independente de quantos prêmios venha a receber. **Bravura Indômita** dos irmãos Coen custou 38 milhões de dólares e já rendeu perto de 200 milhões de dólares. O produtor Steven Spielberg deve ter ficado um pouco mais rico e quem sabe aposte mais vezes em outros westerns. O merecido sucesso de **Bravura Indômita** enche de esperança os fãs desse desprezado gênero e que, a exemplo de **Pacto de Justiça (Open Range)**, confirma que os westerns sempre serão fonte inesgotável de belas histórias que podem resultar em grandes filmes.

Darci Fonseca

Texto gentilmente cedido pelo autor, publicado anteriormente em seu blog: <http://www.cinewesternmania.com/>



ATENÇÃO – PROGRAME-SE!!!!

FESTA DO 16º ANIVERSÁRIO DO GRUPO CINEMA PARADISO

CINESESC - dia 8 de AGOSTO a partir das 18 h - coquetel.

19 h - filme **SERRAS DA DESORDEM**

21h30 - Debate com o diretor Andrea Tonacci, Ismail Xavier e Sérgio Rizzo

Cláudia Mogadouro ministra curso GRATUITO sobre

HITCHCOCK e o Cinema de Suspense

Dias 21, 22 e 23/07 (quinta, sexta e sábado) das 17 h às 20h.

CASA GUILHERME DE ALMEIDA - Rua Macapá, 187

(próximo a estação Sumaré do Metrô)

Inscrições pelos telefones (11) 3673-1883 e 3672-1391

COTAÇÃO 2011

Homens e Deuses	9,72
Tetro	9,57
Meia-Noite em Paris	9,39
Cópia Fiel	9,26
Lixo Extraordinário	8,96
O Homem ao Lado	8,96
Biutiful	8,85
O Concerto	8,63
Contracorrente	8,58
Em Um Mundo Melhor	8,54
Estamos Juntos	8,33
Saturno em Oposição	8,09
Caminho da Liberdade	7,85
Minhas Tardes Com Margueritte	???

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma

e-mail: janetepalma@gmail.com

<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>